
'Saias justas' de pesquisadoras em formação ensinam sobre o 'fazer etnográfico'

Entre saias justas e jogos de cintura.

BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya.

Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007. 370 p.

As autoras apresentam, tal qual anunciam no título e na introdução de sua coletânea, as 'saias justas' pelas quais jovens pesquisadoras antropólogas passaram em suas pesquisas de campo – para dissertações e teses – bem como os 'jogos de cintura', ou seja, as saídas criativas que empreenderam.

A proposta da coletânea é inovadora e pertinente, apesar de o questionamento sobre a dimensão subjetiva do 'fazer etnográfico' ser uma questão largamente problematizada na Antropologia.¹

Parte da pertinência e da inovação deve-se à escolha das organizadoras no processo de realização do livro: apenas textos de pesquisadoras mulheres, e que estivessem no processo de formação acadêmica seriam aceitos na proposta. Dessa forma, o resultado foi uma compilação de 12 experiências de pesquisadoras em seus campos, entre o final da década de 1990 e início de 2000. Especificidades da ordem das relações de gênero e geracionais aparecem nos

artigos, através das 'saias justas' pelas quais a autoras passaram. Os 'jogos de cintura' utilizados também informam à/ao leitora/o que há uma demarcação de ações e escolhas, a partir do fato de as autoras serem mulheres e, muitas vezes, também jovens.

Outro elemento que constitui a pertinência desse livro está em ser um auxílio para quem vai realizar ou está realizando uma das etapas do processo etnográfico em seus trabalhos.² Sua leitura proporciona um diálogo com mulheres que pesquisam no Sul, Sudeste, Norte e Nordeste do Brasil, bem como na Argentina, África e Ásia, retirando um pouco do *status* de liminaridade e solidão que a pesquisa pode causar em cada uma/um de nós. Além disso, a leitura de outras experiências pode aproximar nossa própria experiência, trazendo a subjetividade mais uma vez à cena, para ser analisada tanto como parte importante e necessária da pesquisa, quanto do processo de aprendizagem do fazer científico. E não apenas na Antropologia, embora seja essa a proposta do livro, mas em qualquer campo disciplinar que se proponha a discutir tais questões. Revela-se, então, uma característica interdisciplinar da proposta, embora esta não seja revelada pelas organizadoras.

Outra característica singular do livro é a forma de sua escrita 'quase' literária. Já na Introdução, Alinne Bonetti e Soraya Fleischer apresentam o livro e sua proposta anunciando a intencionalidade de colocar em foco o que elas chamam de "um experimento etnográfico-literário". Referem-se abertamente à tessitura do

diário de campo, instrumento etnográfico por excelência. Entretanto, parecem lançar, implicitamente, a discussão para além: o desafio de escrever um texto acadêmico, nos moldes científicos, com uma pitada de 'literacidade'.

As autoras apresentam a proposta da obra a partir de um encontro de campo de uma jovem pesquisadora. Para realizar sua etnografia, a referida antropóloga necessita entrevistar seus pares, ou seja, outras antropólogas. Para tanto, marca um encontro com as autoras do livro para saber da proposta de unir gênero e geração em uma coletânea sobre experiências de campo. À medida que vão sendo entrevistadas, Alinne Bonetti e Soraya Fleischer contam sobre a idéia do livro, sua concepção e o resultado final. Ao final do capítulo, a/o leitora/or percebe-se lendo uma introdução peculiar, que une realidade e ficção, de maneira tal que envolve quem lê no desejo de continuidade, que prossegue nos capítulos seguintes. Trata-se de uma 'surpresa' que acopla o ato literário de contar uma história aos propósitos do fazer científico de argumentar e apresentar uma proposta de trabalho.

As autoras contam, nessa introdução, algo sobre os bastidores da realização do trabalho, porque a proposta central do livro é trazer os bastidores das pesquisas para a cena. Dessa forma, ficamos sabendo que a primeira idéia do livro surgiu na etapa de campo para as pesquisas de doutorado de ambas as organizadoras, na cidade de Recife/PE, enquanto compartilhavam, além do mesmo quarto, da realidade de campo e das dificuldades e alternativas aos problemas que apareciam.

Dentre os trabalhos apresentados no livro, encontramos, no primeiro capítulo, o texto de Carmen Susana Tornquist. A autora, professora de Antropologia na Universidade Estadual de Santa Catarina, em Florianópolis, conta algumas dificuldades de parte de seu campo de doutorado: a observação participante de um grupo local envolvido na militância pela humanização do parto. A autora vai assumindo no processo suas implicações subjetivas, à medida que se reconhece como parte desse *ethos* específico. Assim, o estranho é compreendido como, cada vez mais, familiar. No processo de escrita a autora também se encontra desfazendo algumas ilusões com respeito ao espaço militante, à medida que este se apresenta e é analisado também em suas lacunas. Ao ir de encontro às lacunas do movimento, e de si própria, a autora toma a subjetividade como uma bem-vinda companheira, que a auxilia na aprendizagem do ofício de antropóloga.

Os capítulos seguintes também têm a característica de trazerem a subjetividade de cada pesquisadora e suas implicações para o trabalho empreendido. Mônica Dias conta-nos que, em sua pesquisa com a escrava Anastácia, terminou por encontrar-se com o universo dos cultos afro-brasileiros, e que esse encontro não se apresentou sem tensões, porque a autora, com formação religiosa católica, se deparou com 'desmaios', nos momentos de idas aos terreiros, que a desconcertam sobremaneira. Seu relato de campo no qual se encontra com um caboclo, que se apresenta no corpo de um pai-de-santo, é revelador de dificuldades que, ao mesmo tempo que são suas, também se tornam, de alguma forma, de quem o lê, num convite a pensarmos sobre nossas próprias escolhas de campo.

O terceiro capítulo apresenta o trabalho de Larissa Pelúcio com travestis na cidade de São Paulo. A autora relata seus encontros com um campo com o qual não tinha intimidade até então, mostrando suas dificuldades e seus aprendizados progressivos. Da mesma forma, Nádia Elisa Meinerz relata seus primeiros contatos, em sua pesquisa de mestrado, com alguns espaços lésbicos da cidade de Porto Alegre. Ao pesquisar sobre sexualidade, em seu trabalho de campo era interpelada em jogos de sedução por outras mulheres – suas informantes – a 'assumir' sua 'orientação sexual'. Apesar de falar que tinha um namorado, pequenas cantadas continuavam a ocorrer. Ao prestar mais atenção a essas questões subjetivas, a autora aprende mais sobre seu universo de pesquisa e as relações entre etnografia e pesquisa em sexualidade.

Paula Sandrine Machado, no quinto capítulo do livro, comenta sobre o lugar de uma pesquisadora mulher que desvolve pesquisa junto a homens. Além disso, Paula é uma jovem pesquisadora e opta por entrevistar homens com idade entre 20 e 30 anos, pensando sanar essa questão etária. Entretanto, na relação entre gênero e geração, o campo apresenta algumas 'saías justas' à autora, dentre as quais a dificuldade de falar sobre a temática da reprodução e da sexualidade com homens: Paula recebe negativas de realização de entrevistas, é interpelada por algumas namoradas ciumentas e, ao mesmo tempo, é 'cuidada' por outras mulheres mais velhas e pelo dono do bar no qual realiza observação.

Outra pesquisadora também se depara com questões de gênero. Fernanda Noronha muda sua questão de pesquisa ao trabalhar com o universo *hip hop* de seu próprio bairro. Primeiro

percebe-se estranha por demais nos bailes, até que encontra no grupo de *b.boys* que ensaiam suas danças no metrô de São Paulo a questão sobre a participação das mulheres. "Onde estão as *b.girls*?" é, portanto, a pergunta que a autora realiza e passa a perseguir.

Andréa de Souza Lobo relata as relações subjetivas em seu campo, na Boa Vista, Cabo Verde. No caso da autora, o exótico demonstra-se bastante familiar, a partir do momento em que ela resolveu estudar as relações cotidianas nesse espaço social no qual se inseria como 'esposa de cabo-verdiano'. Dessa forma, ao desvelar os meandros das relações de reciprocidade locais, Andréa descobre-se compreendendo e relacionando-se como nativa.

No Timor Leste, Kelly Cristiane da Silva vivenciou experiências de campo junto à cúpula de poder local. Preocupada em compreender a reestruturação do Estado de Timor, Kelly relata como conseguiu adentrar nos espaços de poder, como a aproximação e a amizade interferem nos contatos com os informantes, como ser casada e estar com o marido em campo, e como conhecer a língua local e ser brasileira, interferiu no acesso às informações e nos deslocamentos por espaços importantes em seu campo. A autora também conta sobre o retorno ao Brasil e o estranhamento e falta que o campo fez, no momento consecutivo de seu trabalho, o da escrita e interpretação dos dados.

Outra autora que comenta sobre estar solitária e estar com o companheiro em campo é Daniela Cordovil. Ela ressalta seus encontros com a cidade de Cururupu, no Maranhão, e somos convidadas/os a adentrar no percurso de construção de um objeto de estudo. As idas e vindas de contato e reconhecimento com a pequena cidade também foram definitivas na formação da autora. A princípio estudante de música, Daniela é envolvida pelos sons e ritmos locais e, nesse trajeto, ela encontra-se com o reggae, a pajelança e o tambor de mina. O encontro aparentemente casual com informantes-chave e o entrecruzamento entre estudos teóricos e idas a campo são citados pela autora como decisivos para sua definição de trabalho: estudar os processos políticos subjacentes, tomando a prerrogativa de que há organização política nos meios populares. Conclui a autora que os 'acazos' são por excelência o material de análise etnográfica.

Diana Milstein apresenta-nos seu trabalho com escolas e seu lugar na formação política local, em uma localidade da Argentina. A autora depara-se com uma grande 'saia justa': percebe

que sua observação participante, dentro da escola, junto aos adultos, não revela as relações desta com a comunidade na qual está inserida. Dessa forma, a saída criativa encontrada demonstra-se bastante fértil e é contada no décimo capítulo do livro. Diana resolve montar um grupo de pesquisa com crianças entre 10 e 14 anos. As crianças que aceitam o convite fazem visitas à comunidade, entrevistam pessoas, tiram fotos. Através do olhar infantil, a autora descobre a importância da praça na comunidade, fato esse importante para a análise de seu objeto de estudo.

Outros 'acazos' ainda são relatados no livro. Patrícia de Araújo Brandão Couto nos revela seu encontro com o objeto de estudo de doutorado, em um momento de férias. Após defender sua dissertação de mestrado, a autora embarca para Itacaré, na Bahia, à espera de um reencontro idílico com praia e tranqüilidade. Ao chegar e se deparar com fatos inusitados, como a disputa entre taxistas e carregadores em atendê-la, ainda na chegada no aeroporto local, Patrícia começa a questionar-se sobre as relações entre turismo e viagem. Acreditava ser uma viajante em um local pouco visitado, mas deparou-se com uma cidade voltada para o turismo, bastante urbanizada e deslocada de uma idéia de "paraíso tropical". Assim, a partir de suas próprias experiências de viajante, a autora inicia-se em um novo campo de estudo.

Finalmente, o último capítulo do livro traz o relato de campo de Isabel Santana de Rose, que nos fala do seu envolvimento com o Santo Daime, religião à qual se filia e que também resolve estudar. Assim é que Isabel nos abre seu caderno de campo e nos conta como foi sua experiência de ser "fardada" e ter deveres enquanto tal, e de estar vivendo em uma comunidade do Santo Daime também na qualidade de pesquisadora. As inter-relações entre estar dentro e estar fora, entre o familiar e o estranho são trazidas como elementos-chave para a análise posterior de seu campo.

Após estes 12 relatos, ainda somos convidadas/os a ler o posfácio de Cláudia Fonseca, professora de algumas das autoras do livro. Em forma de carta, Fonseca nos conta sobre sua admiração e seu envolvimento ao ler o manuscrito do livro, e nos brinda com algumas comparações e breves análises sobre os textos. Fala-nos de uma subjetividade que "não parece tanto a do homem solitário – eu contra os elementos – conquistando novos territórios, quanto a da mulher permanentemente embrenhada em suas diferentes redes de reciprocidade" (p. 358).

Também comenta sobre a relação entre o familiar e o estranho. A esse respeito, Fonseca diz que o único relato do livro que vem de um campo completamente estranho é o de Kelly, que trabalhou no Timor Leste.

Essas peculiaridades nos fazem pensar. Pensar sobre os impactos de nossas próprias pesquisas em nossa subjetividade. Uma viagem contrária: de volta a nós mesmas/os. Um reencontro interno e subjetivo, uma imersão necessária para que a volta às margens do rio seja coroada com o 'casamento' com o qual a Antropologia nos brinda: o da análise interpretativa do campo que está fora e dentro de nós mesmas/os. Esses encontros promovidos pelo livro terminaram por me auxiliar, particularmente, enquanto pesquisadora em formação. Quiçá auxilie, senão lance indagações às demais pessoas que o lerem. Sim, pois este é um dos

objetivos do fazer científico: revelar o outro – da alteridade – que, de alguma forma, pode haver em tantos outros, incitando o pensamento crítico.

Notas

¹ No Brasil, Roberto da Matta é o maior representante dessa problematização (DA MATTÁ, 1978).

² O livro não se propõe a ser um manual. Apesar disso, ele pode ser muito útil para antropólogas/os em formação, mesmo antes do processo de pós-graduação, como texto-base de metodologia em Antropologia.

Referência bibliográfica

DA MATTÁ, Roberto. "O ofício do etnólogo ou como ter 'Antropological Blues'". In: NUNES, Edson (Org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.

Karla Galvão Adrião ■
Universidade Federal de Santa Catarina